

Público e Arqueologia Marítima: caminho para a musealização

Cristiane Eugênia da Silva Amarante*

AMARANTE, C.E.S. Público e Arqueologia Marítima: caminho para a musealização. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, Suplemento 11: 213-219, 2011.

Resumo: A proposta deste artigo é apresentar uma experiência desenvolvida na cidade de Santos, litoral de São Paulo, Brasil, com crianças de uma escola pública municipal. Vários encontros foram elaborados para a aproximação com os temas Arqueologia, Arqueologia Marítima, Museu e Porto. Em uma cidade em que o mar está tão presente, há uma cultura inerente de maritimidade, de aproximação com o mar que é natural. Sendo assim, uma arqueologia em Santos que despreze esse aspecto não pode estar completa. A intenção é pensar na musealização de materiais provenientes de várias escavações ocorridas na cidade ao longo dos anos. A musealização será construída a partir de um debate com o público, para saber como essas questões são elaboradas e compreendê-las para futuras criações de planos museológicos em consonância com Arqueologia Pública e a Nova Museologia.

Palavras-chave: Arqueologia Marítima – Musealização da Arqueologia – Arqueologia Pública.

Arqueologia marítima e a cidade de Santos

A cidade de Santos, localizada no litoral do Estado de São Paulo, Brasil, possui uma das mais antigas colonizações do país. Iniciada juntamente com São Vicente, por Martim Afonso de Souza em 1532, foi mais tarde ocupada e colonizada por Brás Cubas que iniciou um Porto na porção abrigada do estuário.

O Porto, hoje o maior da América Latina, foi o principal local de escoamento de produtos ao longo da história do Brasil e a cidade acabou se tornando protagonista em muitos episódios tais como a Independência, Libertação dos Escravos, República, Movimento Sindicalista e Resistência

às Ditaduras em decorrência de ser porta de entrada para novas pessoas e novas idéias.

Esses episódios deixaram importantes marcas no registro arqueológico revelados por várias escavações que aconteceram na cidade ao longo dos anos. Porém, quase nada desse material foi musealizado para que o grande público de moradores e turistas tenham acesso às informações reveladas pela Arqueologia.

Outro aspecto da ligação da cidade com o mar diz respeito aos sambaquis que foram encontrados por arqueólogos e datados por volta de 4.000 AP. Isso significa que a relação marítima de quem habita essa localidade é muito antiga remontando a uma história que extrapola os limites da colonização.

Quando nos referimos ao termo *marítimo* incluímos “não só o que está submerso, mas também cais e docas, cais e marinas, naufrágios,

(*) Museu de Arqueologia e Etnologia. Mestranda em Arqueologia. <criseugenia@usp.br>

faróis, estaleiros e comunidades caiçaras e materiais associados à navegação” (Vrana; Stoep 2003: 78).

Acreditamos que pensar em Arqueologia Marítima na cidade de Santos é ir além dos sítios de interface, compreendendo a região e seus moradores ao longo dessa ocupação como sendo portadores de uma maritimidade que lhe é natural e, portanto, deve ser explorada pela Arqueologia e sua Musealização.

O público

A arqueologia pública se preocupa com a relação da ciência com o público. Segundo Carneiro (2009), a atividade teve início na década de 1970 nos Estados Unidos, devido à participação de não arqueólogos nos trabalhos de campo. Está intimamente ligada à corrente teórica da arqueologia pós-processual.

Segundo Merriman e Jameson, a arqueologia pública tem base em três pilares: educação, turismo e comunicação. Jameson (2007: 8) diz que o turismo patrimonial pode ser usado para “o bem ou para o mal”, mas que quando as comunidades passam por um trabalho prévio de educação valorizando sua história e sua cultura os resultados costumam ser melhores.

Em alguns autores brasileiros, vemos também essa preocupação com o público. Conforme Tamanini (1998: 188), “Alguns museus que atuam na área de Arqueologia, e a própria Arqueologia, incorporaram, a partir das novas reflexões sobre a utilidade social da ciência, atitudes com relação ao entorno social, a ligação com múltiplos públicos e a responsabilidade social quanto ao retorno do desenvolvimento das pesquisas.”

Em nossa proposta, também há essa preocupação com o social na medida em que o público será consultado para a elaboração do plano museológico.

O desenvolvimento do estudo de *Avaliação preliminar* está sendo realizado com os alunos da rede pública municipal de ensino para observar seus conhecimentos prévios sobre o assunto, buscando utilizar suas dúvidas e conhecimentos como instrumento de participação no processo de musealização. A parceria acontece com a escola – UME Padre Lúcio Floro –, que oferece Ensino Fundamental em nível I (1º ao 4º ano). O

público-alvo dessa pesquisa são os alunos de 4º ano, antiga 3ª série. Os estudantes moram no Morro José Menino, e possuem uma visão privilegiada da cidade, tanto de suas casas como da escola.

Da janela da sala de aula, é possível observar toda a baía de Santos, as praias, o local onde os navios esperam para atracar e a movimentação de entrada e saída de navios. Uma vista panorâmica da cidade.

Musealização da Arqueologia

A museologia, enquanto disciplina aplicada busca evidenciar por meio de processos comunicacionais, as referências culturais de determinada sociedade, voltando-se para a necessária compreensão do comportamento do homem frente ao seu patrimônio e para os processos de transformação deste patrimônio em herança. Desta forma, a museologia auxilia a formação e preservação da herança patrimonial e, assim, contribui com a construção da identidade cultural de uma sociedade (Santos 2008; Meneses 2000 e Vasconcellos 2005).

Atualmente, o debate sobre esses temas tem se alargado, principalmente, após a década de 1980, com o movimento da *Nova Museologia*, que discute o papel político do museu e do museólogo na ação transformadora do homem, possibilitando por meio de exposições o desenvolvimento de uma consciência crítica.

A escolha, por um diagnóstico que envolve o público, tem como base a democratização do museu, criando outros diálogos com a educação, a aprendizagem, e a ciência museológica (Cazelli e outros 2003: 94). Os “estudos de recepção” possibilitam a mediação entre a produção e a recepção no processo de comunicação. Para a realização dessa tarefa, será utilizado o multimétodo – mais de um método para abordar o tema.

A estratégia norteadora foi o método Paulo Freire de Circulo de Cultura (Brandão 2005). Segundo o método Paulo Freire, algumas palavras da vivência das pessoas são retiradas e cada aula tem uma palavra-chave ou “tema gerador”. Esse tema, junto com a ajuda de imagens, desperta o grupo para uma discussão que se encaminha para a produção de textos posteriormente.

Nesse caso específico, as palavras geradoras não são necessariamente da vivência do grupo, mas temas geradores relativos ao objeto de

pesquisa: Museu, Porto, Arqueologia, Arqueologia Subaquática e Museu do Porto.

O vídeo também está sendo um recurso usado para registro, e também exploração, problematização e construção do conhecimento. Temos como referência a dissertação de mestrado de Cordeiro (2008). Ele utilizou o vídeo como estratégia para uma ação educativa no Engenho São Jorge dos Erasmos, aqui na cidade de Santos. Também foi utilizada como base a experiência no Egito de Moser *et al.* (2002), em que a equipe de arqueólogos utilizou o vídeo como importante ferramenta de ações de Arqueologia Pública.

A tese de doutoramento de Cury (2005) também foi utilizada como referência em relação a algumas estratégias utilizadas e ao embasamento teórico para as ações.

Outra fonte foi o material disponível na internet e intitulado Hereduc – uma união da expressão Heritage Education, que propõe uma metodologia de Educação Patrimonial semelhante à proposta pelo Guia de Educação Patrimonial, elaborado por Horta (1999) e editado pelo IPHAN. Porém, as etapas diferem um pouco.

As etapas propostas – tradução livre da autora - pelo Hereduc são:

- 1) **Point of entry** (Ponto de entrada)
Questionando Experiência de aproximação positiva.
- 2) **Filling your bag** (Enchendo sua mochila)
Exploração - Atividades extra-curriculares, lista de curiosidades e análises do tema.
- 3) **Developing a solution** (Desenvolvendo uma solução) Respostas – Sínteses, hipóteses e formalizações.
- 4) **Of your results** (Seus resultados)
Apresentação – Comunicação e pesquisa de recepção. (Testing reaction)

Para aprofundar as discussões a respeito dos temas, foram utilizadas algumas estratégias de *Filling your bag*, porque a idéia era “encher a mochila”, dar bagagem para o grupo a respeito do assunto para que as questões tivessem uma reflexão mais aprofundada em um segundo momento.

Em seguida, uma descrição de como a metodologia pode ser aplicada para a pesquisa de público. Não entraremos em análises de material. Esse recorte será feito para descrição e melhor compreensão do que já foi explicado acima. Além disso, a pesquisa de mestrado nesse momento se

encontra em fase de coleta de informações. As análises serão realizadas após o cumprimento de todas as etapas previstas com os estudantes.

A metodologia foi utilizada por meio de várias estratégias. Para introduzir o tema “Arqueologia” pensamos o Ponto de Entrada da seguinte maneira:

A lousa foi dividida em três partes cada uma com uma pergunta.

- As perguntas eram: 1) O que os arqueólogos pesquisam e procuram? 2) Como os arqueólogos trabalham e quais instrumentos usam? 3) Por que a arqueologia é importante?

A classe foi dividida em três fileiras com duplas. Cada fileira respondia à questão que estava à sua frente na lousa. Desse modo, nós tínhamos três duplas respondendo cada questão. Para termos uma amostra de como se deu a atividade, vou colocar dois exemplos respondidos.

A dupla A. e M.¹ responderam na primeira questão, a respeito do que o arqueólogo pesquisa e procura – “Coisas antigas, corpos de pessoas, casas antigas, ele escava a terra.”

A dupla L. e C., respondendo sobre a importância da arqueologia, escreveram primeiramente que – “É importante para proteger as plantas, cuidar dos frutos, cuidar das árvores”.

Após essa etapa, nós conversamos e todas as duplas socializaram o que haviam escrito em suas respostas.

Depois passamos para a etapa Enchendo sua Mochila, na qual realizamos algumas atividades para aprofundamento sobre o tema Arqueologia.

Utilizamos o Kit de Objetos Arqueológicos e Etnológicos, desenvolvido pela equipe do setor educativo do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE/USP). Em círculo, sentados no chão, os alunos manusearam as peças e discutimos sobre as técnicas utilizadas para a confecção e quem poderia ter produzido aqueles artefatos. Os cartazes de apoio mostraram as várias técnicas empregadas, confirmando ou não hipóteses levantadas pelos estudantes anteriormente. (Fig. 1).

Em outro dia, observaram e discutiram também em círculo as pranchas desenvolvidas pelo setor educativo do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal da Bahia

(1) Os nomes das crianças foram substituídos pelas iniciais para que a identidade das mesmas fosse protegida.



Fig. 1

(MAE/UFBA). Nesse momento, pudemos fazer intervenções sobre a forma como o arqueólogo trabalha antes de ir a campo, no campo e posteriormente, pois as pranchas traziam imagens sobre o trabalho no laboratório. Além disso, pudemos observar o que as crianças já haviam percebido sobre técnicas de manufatura e identificação de peças arqueológicas, uma vez que as pranchas traziam fotos de algumas peças semelhantes ao Kit do MAE/USP (Fig.2).

Por fim, assistiram ao vídeo sobre as escavações no Engenho São Jorge dos Erasmos, desenvolvido pela “Olhar Periférico”. Foi interessante porque a maior parte dos alunos visitou o Engenho São Jorge dos Erasmos no ano anterior. O vídeo também é

bem didático no sentido de explicitar o trabalho do arqueólogo na descoberta de um sítio e nas pesquisas documentais, além de mostrar em detalhes como é realizado o trabalho em campo. O fato de se tratar de um sítio de enterramento também chamou muito a atenção dos alunos, que assistiram atentamente e fizeram muitas perguntas após a exibição.

Na etapa seguinte, que chamamos de “Desenvolvendo uma Solução”, as crianças receberam as perguntas que foram feitas na lousa da primeira vez, mas todas concentradas em uma folha só, e respondidas individualmente. Abaixo, dois exemplos de folhas com respostas:

Exemplo 1:

Questões e respostas da aluna A.:



Fig. 2

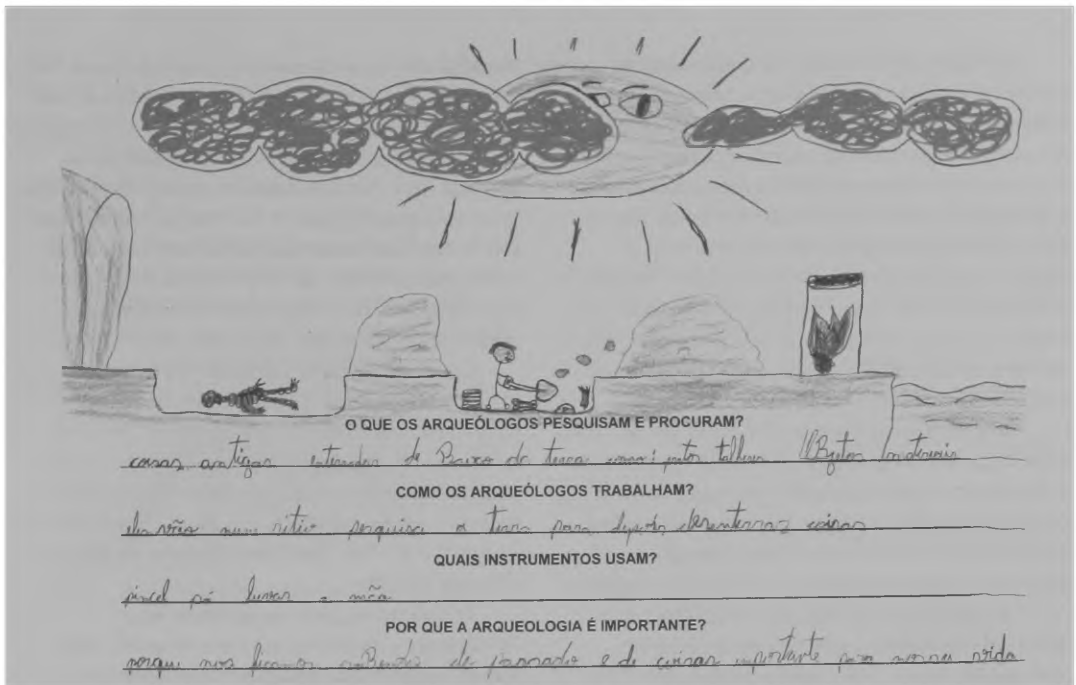


Fig. 3

Pergunta: O que os arqueólogos pesquisam e procuram?

Resposta: Eles procuram coisas antigas e novas e pesquisam o que é.

Pergunta: Como os arqueólogos trabalham?

Resposta: Eles trabalham nos sítios e lugares antigos.

Pergunta: Quais instrumentos usam?

Resposta: A pá, o pincel, as luvas e as botas.

Pergunta: Por que a arqueologia é importante?

Resposta: Pra gente aprender mais sobre as coisas antigas.

Exemplo 2:

Questões e respostas do aluno L.:

Pergunta: O que os arqueólogos pesquisam e procuram?

Resposta: Coisas antigas enterradas debaixo da terra como pratos, talheres, objetos materiais.

Pergunta: Como os arqueólogos trabalham?

Resposta: Eles vão num sítio e pesquisam a terra para depois desenterrar as coisas.

Pergunta: Quais instrumentos usam?

Resposta: Pincel, pá, luvas e mão.

Pergunta: Por que a arqueologia é importante?

Resposta: Porque nós ficamos sabendo do passado e de coisas importantes para nossa vida.

(Fig. 3)

Os exemplos mostram como é possível fazer uma pesquisa de público com crianças utilizando estratégias diferenciadas, permitindo um grande levantamento de informações. Todas as etapas fornecem dados para a pesquisa. Desde a introdução do assunto, quando nenhuma informação sobre o tema foi dada às crianças, passando pela fase em que elas se aproximam do assunto por meio de artigos de jornais e revistas, observação de fotografias, contato com artefatos e pranchas, vídeos, estudos do meio e entrevistas com especialistas. As conversas posteriores sempre são enriquecidas e novas elaborações sobre os assuntos vão acontecendo.

Conclusão

Pesquisas com crianças nos apontam caminhos para a musealização. Embora em nossa sociedade as crianças não sejam ouvidas sobre tantos assuntos. Ao serem questionadas e incluídas, é possível perceber que elas recebem informações que são elaboradas de um modo bastante peculiar em relação aos adultos, pois estão em fase de construção de conhecimentos. Uma fase sem muitas certezas. Por isso mesmo, são abertas a novas informações.

Compreendendo a fase de construção de conhecimento dessa faixa etária, segundo Piaget e Inhelder (1982), aos 9 anos a criança se encontra no período Operatório Concreto. Significa que ela necessita de contato direto por meio de situações e simulações para a elaboração de conhecimento. Ela depende da experiência concreta para se tornar capaz de abstrair. Por isso, filmes, desenhos, fotos, estudos do meio, manuseio de objetos podem ser utilizados tanto para a elaboração de novos conhecimentos quanto para aproximação maior com o público infantil.

Para os museus, essas informações são de suma importância, pois permitem vivenciar experiências com objetos e variadas estratégias expositivas. E ainda, pensando no adulto, esses métodos podem ser utilizados, evitando a sua infantilização e permitindo uma aproximação com temas distantes.

A respeito da sequência de atividades e do material levantado, é possível notar também que muitas vezes a informação está no que “não foi dito”, ou em respostas que previamente esperamos, mas ao manter contato com o público - observamos que não há essas hipóteses tão disseminadas quanto os profissionais da área pensam. Um exemplo disso é a associação do arqueólogo com a imagem de Indiana Jones.

Nesse grupo, especificamente, essa referência não foi citada. Essa ausência pode ter ocorrido devido à idade das crianças.

No início eles relacionavam a atividade ao papel da atriz Adriana Esteves, que representa Júlia na novela global *Morde e Assopra* no horário das sete horas. Isso trouxe muitos debates porque ela é uma paleontóloga, ou “caçadora de dinossauros” como diziam. Tivemos que conversar sobre a diferença de atividades desses dois profissionais.

Quando o assunto abordado foi Museu, algumas referências surgiram tais como os personagens de desenho dos Simpsons (eles vão ao museu em um dos episódios), Phineas e Ferb (dois ratinhos que possuem várias aventuras em museus e locais culturais), e o filme *Uma Noite no Museu 1 e 2*, além dos filmes *Homem de Ferro e Homem Aranha*.

Futuramente, com as informações devidamente descritas será possível partir para a etapa seguinte de listagem das informações obtidas nessas discussões, que indiquem caminhos para futura expografia.

Particularmente, consideramos essas experiências todas muito ricas, porque nos permitem a observação de recursos expositivos e educacionais, por meio de simulações e protótipos.

AMARANTE, C.E.S. Public and Maritime Archaeology: towards musealization. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, Suplemento 11: 213-219, 2011.

Abstract: The aim of this paper is to present an experiment developed at the town of Santos, at the São Paulo State seaside, Brazil, with children belonging to a county public school. Several meetings were dedicated to an approximation towards the themes Archaeology, Maritime Archaeology, Museum and Harbor. In a town where the sea is so present, there is a culture bound to “maritimizing”, of approximation to the sea, which is natural. Therefore, an archaeology in Santos which neglects this aspect cannot be complete. We intend to think in the musealization of materials coming from several excavations occurred in the town through the years. Musealization will be built starting from a debate with the public, to know how these questions are elaborated and to understand them for future museological plans in consonance with Public Archaeology and New Museology.

Keywords: Maritime Archaeology – Museum and Archaeology – Public Archaeology.

Referências bibliográficas

- BRANDÃO, C.R.
2005 *O que é método Paulo Freire*. São Paulo: Brasiliense.
- CARNEIRO, C.G.
2009 Ações educacionais no contexto da arqueologia preventiva: uma proposta para a Amazônia. Tese de Doutorado. São Paulo, Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo.
- CAZELLI, S.; MARANDINO, M.; STUDART, D.
2003 *Educação e Comunicação em Museus de Ciência: aspectos históricos, pesquisa e prática*. In: Educação e Museu: a construção do caráter educativo dos museus de ciência. Rio de Janeiro, FAPERJ: 83-106.
- CORDEIRO, S.L.
2008 A paisagem histórica do Engenho São Jorge dos Erasmos: o vídeo como instrumento educativo na arqueologia do monumento quincentista. Dissertação de Mestrado. São Paulo, Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo.
- CURY, M.X.
2005 *Comunicação museológica*. Uma perspectiva teórica e metodológica de recepção. Tese de Doutorado. São Paulo, Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.
- HERITAGE IN THE CLASSROOM. A PRACTICAL MANUAL FOR TEACHERS (THE COMPLETE BOOK).
<http://www.hereduc.net/hereduc/i18nfolder.2005-04-15.8911096798/> (acesso em 04 de dezembro de 2010).
- HORTA, M.L.P.; GRUNBERG, E.; MONTEIRO, A.Q.
1999 *Guia básico de educação patrimonial*. Brasília: Museu Imperial/IPHAN/MinC.
- JAMESON JR, J.H.; BAUGHER, S. (Eds.)
2007 *Past meets present. Archaeologist patterning with museum curators, teachers and community groups*. New York: Springer.
- MENESES, U.T.B.
2000 Educação e museus: sedução, riscos e ilusões. *Ciências & Letras*. Revista da Faculdade Porto-Alegrense de Educação, Ciências e Letras. Porto Alegre, 27: 91-101.
- MOSER, S.; GLAZIER, D.; PHILLIPS J.E.; NEMR, L.N.; MOUSA, M.S.; AIESH, R. N.; RICHARDSON, S.; CONNER, A.; SEYMOUR, M.
2002 Transforming archaeology through practice: strategies for collaborative archaeology and the community Archaeology Project at Quseir, Egypt. *World Archaeology*, 34 (2): 220-248.
- PIAGET, J.; INHELDER, B.
1982 *A psicologia da criança*. São Paulo: Difel.
- SANTOS, M.C.T.M.
2008 *Encontros museológicos: reflexões sobre museologia, a educação e o museu*. N. 4. Rio de Janeiro: MinC, IPHAN, DEMU, (Coleção Museu, Memória e Cidadania). 256p.
- TAMANINI, E.
1998 O museu, a arqueologia e o público: um olhar necessário. In: Funari, P.P.A. (Org.) *Cultura material e arqueologia histórica*. Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas/ UNICAMP. (Coleção Idéias): 179-216.
- VASCONCELLOS, C.M.
2005 A função educativa de um Museu Universitário e Antropológico: o caso do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. *Cadernos do CEOM, Chapecó (SC)*, 21: 289-299.
- VRANA, K.J.; STOEP, G.A.
2003 The maritime cultural landscape of the Thunder Bay National Marine Sanctuary and Underwater Preserve. In: Spirek, J.D.; Scott-Ireton, D.A. (Eds.) *Submerged Cultural Resource Management: Preserving and interpreting our sunken maritime heritage*. New York, Kluwer Academic/Plenum Press: 17-28.